

Centenário da CUF no Barreiro (1908-2008)
Colóquio “Industrialização em Portugal no
Século XX – O Caso do Barreiro”
9 e 10 de Outubro de 2008

José Amado Mendes

1. Motivos para uma comemoração

A revolução industrial ou, melhor, a industrialização chegou a Portugal, muito tímida e lentamente, meio século após o seu arranque, na primeira nação industrial, a Grã-Bretanha, para usar a expressão de Peter Mathias. Com efeito, apesar de a máquina a vapor, entre nós, ter sido aplicada à indústria por 1821 — e não só em 1835, como se tem dito e continua, erradamente, a repetir —, ainda no rescaldo da Revolução Liberal, a sua difusão, nas décadas imediatas, foi muito lenta e teve um impacto reduzido.

Na segunda metade de Oitocentos, paralelamente ao crescimento moderado da utilização do vapor, os industriais foram recorrendo, de forma mais acentuada, à energia hidráulica, graças, por um lado, à abundância de recursos hídricos e, por outro, ao aperfeiçoamento da tecnologia da roda e da turbina hidráulicas (o que se verificou em larga escala, por exemplo, nas áreas da Covilhã e do Vale do Ave, respectivamente nas indústrias têxteis dos lanifícios e algodoeira).

Entretanto, com o final do século e o advento de Novecentos, as tecnologias características da 2.^a revolução industrial — electricidade, progressos na indústria química, motor de combustão interna e indústria do petróleo — passaram a sobrepor-se, em certos casos, ou a coexistir, noutros, com as inovações da 1.^a revolução industrial, como a máquina a vapor, a utilização do carvão como combustível e o desenvolvimento do transporte ferroviário.

Todavia, face às maiores exigências da 2.^a fase da industrialização — quanto a recursos, humanos e materiais, a tecnologias e a empresas de escala

mais elevada —, escasseavam, em Portugal, as condições para levar a cabo essa nova revolução.

Foi assim que a Companhia União Fabril (CUF), pela mão do seu grande impulsionador, Alfredo da Silva (1871-1942), se abalançou à concretização de diversos projectos, eminentemente inovadores, para o que foi necessária a criação de um novo complexo industrial no Barreiro.

Para o efeito, além de espaço e de condições naturais favoráveis, a localidade dispunha de boas acessibilidades, do ponto de vista das matérias-primas, do mercado e da mão-de-obra.

No século que decorreu de 1908 à actualidade, a industrialização e o próprio desenvolvimento económico do país tomaram um rumo diferente, no qual a CUF — e, posteriormente, o Grupo CUF — desempenhou um lugar ímpar e central.

Por isso, se a instalação da empresa no Barreiro, em 1908, não foi o início da CUF, cujas origens remontam a 1865, foi a partir de então que ali se desenvolveu a organização que passou a ocupar um papel decisivo na industrialização e na própria economia do país.

A exemplo do que se tem verificado noutros países, a comemoração de datas marcantes, na vida de organizações ou pessoas, tem vindo a proporcionar o ensejo para o desenvolvimento da investigação e, logo, para o progresso da ciência e do conhecimento em vários domínios.

Desse ponto de vista, as iniciativas tomadas em certas ocasiões, para além do seu lado comemoracionista, festivo e de evocação — que lhes é inerente — permitem reunir, também, condições adequadas, em termos de motivação e mobilização de recursos, para se aprofundar a respectiva investigação.

Consequentemente, com a realização deste Colóquio, além de se evocar alguns factos mais significativos da “Família CUF”, dos seus protagonistas e colaboradores, procura-se, em simultâneo, contribuir para um melhor conhecimento da história económica, social e política e, de modo mais específico, da industrialização portuguesa e do respectivo património que, por motivos que não cabe aqui explicar, não tem tido, da parte dos investigadores, a atenção que merece.

2. Investigação e seu enquadramento

Ao seleccionar-se a temática do colóquio em epígrafe foram tidos em consideração os seguintes aspectos: a) a sua delimitação, quer no tempo, quer no que refere aos conteúdos; assim, se a actividade da CUF não se circunscreveu à indústria, foi naquele sector que a empresa e o grupo mais se destacaram; b) por outro lado, ao considerarem-se os diversos subtemas, é possível focar o assunto de vários pontos de vista, para que venham a alcançar-se resultados mais inovadores e significativos.

3. Secções

Vários outros assuntos poderiam ser focados. Porém, pelo modelo de evento adoptado, não parece aconselhável seleccionar mais que quatro grandes áreas temáticas, para evitar uma dispersão excessiva.

Assim, constituíram-se as seguintes secções, no âmbito das quais serão apresentadas as comunicações:

A — Indústria: Factor Humano, Tecnologias e Produtos;

B — A CUF e o Barreiro: O legado de Alfredo da Silva;

C — As Vilas Industriais: Urbanismo, Movimentos Sociais e Património;

D — Do Realismo ao Neo-Realismo: Imagens do Trabalho e do Operário na Arte Portuguesa.

Os trabalhos de investigação, a cargo de investigadores de especialidades diversificadas, podem ser apresentados sob diversas formas: conferências, comunicações, comunicações livres (mais breves) e “posters”.

4. Organização

O Colóquio em epígrafe integra-se num plano mais vasto de realizações culturais e científicas, a levar a cabo no contexto das Comemorações do Centenário da CUF no Barreiro, em resultado da parceria constituída para o efeito, entre a CUF — SGPS, a Quimiparque e o Município do Barreiro. Estas entidades convidaram a Universidade Autónoma de Lisboa, através do Centro de Estudos de História Empresarial, para organizar o dito Colóquio.